

GLAUCO CAMPELLO E OS PROJETOS DE RODOVIÁRIAS NA PARAÍBA

GLAUCO CAMPELLO Y LOS PROYECTOS DE LA TERMINAL DE ÓMNIBUS EN PARAÍBA

GLAUCO CAMPELLO AND THE BUS STATION PROJECTS IN PARAÍBA

Alcília Afonso¹

ENTREVISTADO: GLAUCO CAMPELLO

ROTEIRO, TEXTO, EDIÇÃO E REVISÃO DA ENTREVISTA: ALCILIA AFONSO

ENTREVISTADORAS: ISABEL DE HOLANDA E VALÉRIA CAMPELLO

DATA: JUNHO DE 2025

¹ Doutora em projetos arquitetônicos. Professora adjunta do CAU UAEC CTRN UFCG;
E-mail: kakiafonso@hotmail.com

MINIBIO DO ENTREVISTADO

Glauco Campello nasceu na cidade de Mamanguape (PB), em 24 de julho de 1934. Em 1951, iniciou seus estudos universitários na Escola de Belas Artes de Pernambuco/ EBAP, mas foi para o Rio de Janeiro, em 1954, para estagiar no escritório de Oscar Niemeyer, iniciando a partir de então uma sólida amizade com o mestre carioca. Conseguiu concluir sua graduação em arquitetura pela Faculdade Nacional de Arquitetura, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 1959.²

Entre os anos de 1959 e 61, participou da construção de Brasília, e detalhou os projetos do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, de autoria de Niemeyer. Além disso, projetou naquela cidade suas primeiras obras: o projeto da Catedral Episcopal Anglicana (na 309/310 Sul), as capelas do Campo da Esperança, a primeira sede da Rede Sarah e o projeto de equipamentos do Parque da Cidade. Em sua trajetória profissional atuou como arquiteto, urbanista, restaurador e professor.

No Recife, passei os anos de minha formação. Depois, em Brasília, Milão e no Rio, vivi experiências diferentes. Trabalhando com Oscar Niemeyer ao longo dos anos, desde os primeiros dias de minha atividade profissional, não poderia me furtar à sua poderosa influência. Mas na hora de recorrer à intuição o que me acode à cabeça são os mistérios da minha terra, a beleza rude e despojada das coisas singelas que sua gente cultiva (Campello, 2015; s/p).³

No ano de 1962 passou a integrar a equipe inicial do Centro de Planejamento da Universidade de Brasília (UnB), atual Centro de Planejamento Oscar Niemeyer/CEPLAN. Entre 1969 e 1971, voltou ao Recife, onde projetou o Centro de Reabilitação Profissional do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), o edifício Oásis (1970), conjunto residencial Joana Dália da Silveira, várias residências, além de participar da equipe do primeiro projeto para a sede da SUDENE (Afonso, 2025, p. 383).⁴

Entre os anos de 1972 e 1975, esteve na Itália como responsável pelo desenvolvimento do projeto de Niemeyer para a sede da Editora Mondadori, em Milão. Em 1975, retornou para o Brasil e realizou projetos para o Rio de Janeiro e outros Estados, vencendo concursos nacionais de arquitetura, e interessando-se, também, pelos problemas de restauro e revitalização de centros históricos.

Em 1976-77 venceu o concurso nacional de projetos para a construção do Terminal Rodoviário de João Pessoa, em parceria com o arquiteto José Luiz Pinho. Com estrutura em concreto armado e cobertura de telha de aço, a nova rodoviária da capital paraibana foi inaugurada cinco anos depois. Em 1979, desenvolveu o projeto para o Terminal Rodoviário de Campina Grande, em parceria com o escritório paulista Marques da Costa/Aflalo Filho e Barberis. Tais obras serão exploradas na conversa com o arquiteto nessa breve entrevista.

No final dos anos 80, retornou para a cidade de Brasília, onde atuou como professor titular (anistiado) da Universidade de Brasília (1988 – 1991) e presidente do Instituto do Patrimônio Cultural (1994) e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1994 – 1998), quando foi nomeado presidente do Instituto

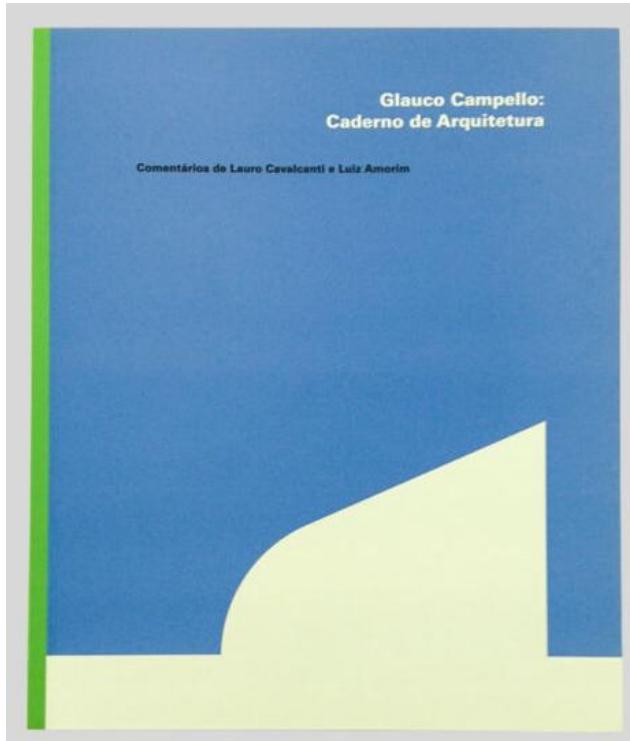
² As informações presentes nesse texto estão presentes no capítulo 19 sobre Glauco Campelo: Estação Rodoviária Argemiro de Figueiredo. 1979/1985 do livro Campina Grande Moderna (Afonso, 2022).

³ Mais informações sobre Campello também estão presentes no livro “Glauco Campello: caderno de arquitetura”. (Campello, 2015).

⁴ No livro “Brutalismo em Pernambuco. Guia da arquitetura nas décadas ausentes. 1960-1985” (Afonso, 2025) foram analisadas algumas obras brutalistas de Campello projetadas em Pernambuco nesse período em que esteve trabalhando na cidade e fazendo parcerias com Armando de Holanda, por exemplo.



Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), órgão sucessor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), exercendo o cargo até o final do primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso.



Capa do livro "Glauco Campello: caderno de arquitetura". Fonte: Campello, 2015.

Em 2015, lançou o livro (Campello, 2015) que conta a história da sua trajetória profissional, apresentando suas principais obras e processos projetuais e construtivos por trás de suas execuções. O livro surgiu como proposta para compartilhar suas experiências como arquiteto, voltado para estudantes de arquitetura. Glauco Campello desenvolveu uma arquitetura de excelente nível técnico e cultural, atendendo às normas de economia, simplicidade e conforto, considerando e valorizando as especificidades do contexto imediato e a realidade do lugar. Atualmente, o arquiteto reside no Rio de Janeiro.

ENTREVISTA

Nossa conversa com Glauco Campello, atualmente com 91 anos de idade, e residindo na cidade do Rio de Janeiro, foi realizada através do envio das perguntas escritas para Isabel Holanda, que juntamente com a filha do arquiteto, Valéria Campelo, conseguiram extrair informações importantes sobre as duas obras das rodoviárias das cidades de João Pessoa e de Campina Grande, na Paraíba, presentes na obra "Documentos da Arquitetura moderna na Paraíba"⁵, organizada por Afonso et al (2015), que constituem exemplares marcantes da modernidade nordestina e brasileira.

Em depoimento dado por Campello, ele colocou sobre sua vida profissional:

"Nasci na Paraíba, sou pernambucano de adoção e penso que meu trabalho de arquiteto nunca se afastou dessa raiz nordestina. No Recife, passei os anos de minha formação. Depois, em Brasília, Milão e no Rio, vivi experiências diferentes. Trabalhando com Oscar Niemeyer ao longo dos anos, desde os primeiros dias de minha atividade profissional, não poderia me furtar à sua poderosa influência. Mas na hora de recorrer à intuição o que me acode à cabeça são os mistérios da minha terra, a beleza rude e despojada das coisas singelas que sua gente cultiva."⁶

ALCILIA AFONSO: Vamos iniciar nosso bate-papo sobre a obra da Rodoviária de João Pessoa, o Terminal Rodoviário Severino Camelo, localizada no bairro do Varadouro. Foi concurso público ou convite?

GLAUCO CAMPELLO: Foi através de concurso público realizado em 1976, sendo a obra inaugurada em 1981.

⁵ AFONSO, Alcília; PEREIRA, Ivanilson Santos; MEDEIROS, Arthur Thiago Thamay (orgs.). **Documentos da arquitetura moderna na Paraíba.** 1. ed. João Pessoa, PB: Edição dos Autores, 2025.

⁶ Disponível em:
<https://chiquinhodornas.blogspot.com/2015/05/arquiteto-glauco-campello-simples.html>

ALCILIA AFONSO: Cinco anos de processo entre projeto e construção! Como se deu o desenvolvimento do projeto para rodoviária de João Pessoa?



Fotografia da Rodoviário Severino Camelo. Fonte: Helton Pedrosa, 2025.

GLAUCO CAMPELLO: Não lembro de muita coisa específica ao projeto da rodoviária de João Pessoa. Sempre tive uma rotina de projetar, inicialmente visitando o local e pensando bastante, posteriormente, fazendo rascunhos, croquis das opções e desenvolvendo na sequência, as melhores opções até chegar ao projeto final.

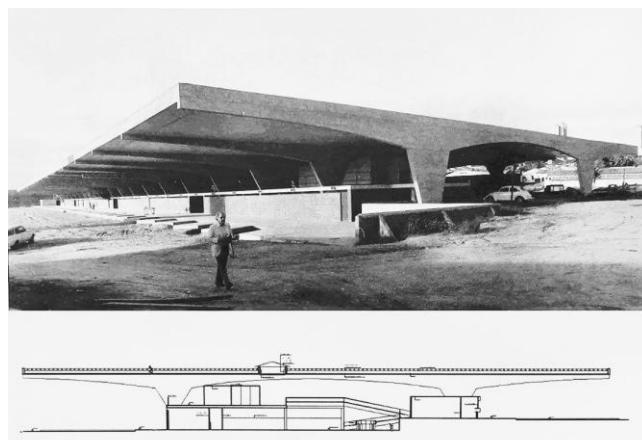
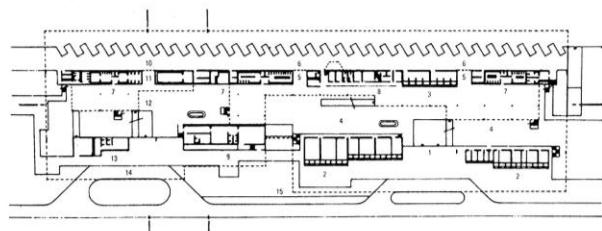
ALCILIA AFONSO: Quem trabalhou com você no desenvolvimento do projeto?

GLAUCO CAMPELLO: Para o desenvolvimento do projeto trabalhei com o meu sócio José Luiz Pinho, e contei com a colaboração do arquiteto Alexandre Maças, que fez o acompanhamento da obra, além de uma equipe de desenhistas que estavam estagiando ou trabalhando comigo. Recordo que nesta época Armando de Holanda ainda estava vivo e nos comunicávamos sobre a construção da rodoviária, tentando procurar soluções

climáticas ao local, ventilação, iluminação natural, economia de materiais e uso de pré-fabricação com o concreto armado.

ALCILIA AFONSO: Que critérios projetuais foram adotados nesse projeto?

GLAUCO CAMPELLO: Em meu livro explico que os critérios de economia, simplicidade e conforto foram os principais condicionantes desse projeto. O conjunto é formado basicamente por uma esplanada que se desenvolve em três níveis alternados e adaptados à topografia do terreno, adotando uma ampla cobertura.⁷



Imagens do Terminal Rodoviário Severino Camelo em João Pessoa. Fonte: Campello. 2015, pp.54-55.

ALCILIA AFONSO: O que o levou a optar pelo uso do concreto armado aparente?

GLAUCO CAMPELLO: O concreto armado na época estava sendo desenvolvido para pré-

⁷ CAMPELO, Glauco. *Glauco Campello: caderno de arquitetura*. São Paulo: Editora da Cidade, 2015. pp. 54-55

fabricação e bastante utilizado na época em que trabalhei em Brasília. O seu uso possibilitou grandes vãos para a coberta com grandes beirais, com espaços abertos e ventilados, possuindo também claraboias para iluminação natural. Acabava sendo um material frio, bom para ambientes tropicais.

ALCILIA AFONSO: Você acha que os resultados obtidos após a construção foram satisfatórios?

GLAUCO CAMPELLO: Conforme falei foi o arquiteto Alexandre Maças quem acompanhou a obra, e que felizmente, mantém suas características principais até hoje. Para mim, particularmente, o resultado foi muito satisfatório, mas nunca fiquei sabendo exatamente se os usuários ficaram satisfeitos com a rodoviária.

ALCILIA AFONSO: Agora, vamos falar um pouco sobre o projeto da Rodoviária de Campina Grande, o Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo, inaugurada em 1985. Como se deu a contratação da obra?

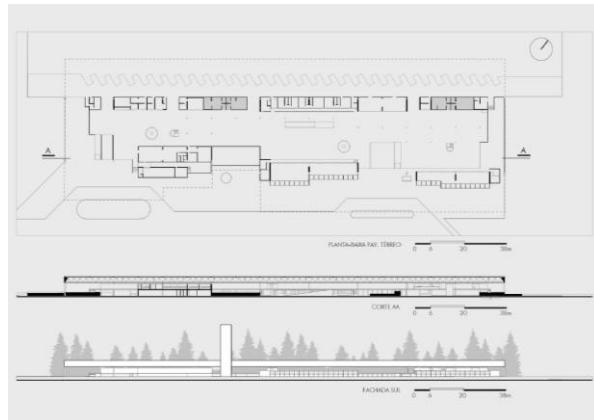


Imagens do Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo. Fonte: Afonso, 2022.

GLAUCO CAMPELLO: Foi através de um convite, e não de um concurso. A prefeitura de Campina Grande possuía um material para a cobertura em treliças espaciais em aço e solicitou um projeto que aproveitasse aquela estrutura na cobertura. A rodoviária de Campina Grande recebeu praticamente o mesmo projeto

de João Pessoa, e foi uma adaptação, utilizando o material que a prefeitura já tinha adquirido.

ALCILIA AFONSO: Realmente, pode-se observar uma certa semelhança entre as soluções em planta do programa de necessidades, adotando uma forma pavilhão e bem setorizada com áreas de embarque, desembarque, serviços públicos, apoio administrativo.



Imagens do Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo.
Fonte: Afonso, 2022.

Quem trabalhou com você nesse projeto? Pois sabe-se que o escritório paulista Marques da Costa, Aflalo Filho e Barberis foram os autores da cobertura.



Detalhe da estrutura da cobertura do Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo. Fonte: Afonso, 2022.

GLAUCO CAMPOLLO: Nesse projeto contei com a colaboração da mesma equipe que trabalhou comigo na Rodoviária de João Pessoa, o meu sócio na época, José Luiz Pinho, e com o arquiteto Alexandre Maças, que acompanhou a

obra. Infelizmente, eu nunca cheguei a ir lá na cidade, para visitar a obra.



Imagens do Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo.
Fonte: Afonso, 2022.

PARA SABER MAIS

AFONSO, Alcília; PEREIRA, Ivanilson Santos; MEDEIROS, Arthur Thiago Thamay (orgs.). **Documentos da arquitetura moderna na Paraíba.** 1. ed. João Pessoa, PB: Edição dos Autores, 2025.

AFONSO, Alcilia. **Brutalismo em Pernambuco. Guia da arquitetura nas décadas ausentes. 1960-1985.** Recife: ed. da autora, 2025

AFONSO, A; PEDROSA, H. **Arquitetura moderna em Campina Grande.** Conservar já | documentar sempre. 1. ed. Recife: Docomomo Brasil, 2024.p.90-91.

AFONSO, Alcilia (org). **Campina Grande Moderna.** Campina Grande: EDUFMG, 2022. pp: 391-418.

CAMPELO, Glauco. **Glauco Campello: caderno de arquitetura.** São Paulo: Editora da Cidade, 2015.

ROCHA, G. C. O **Caráter tectônico do moderno brasileiro: Bernardes e Campello na Paraíba (1970 – 1980).** Natal: Tese doutoral: UFRN. 2012.

